

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

O RENASCIMENTO DAS CIDADES: O ESTADO MODERNO E A URBANIZAÇÃO¹

Renata Maciel², Elenise Felzke Schonardie³.

¹ Pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado de Direitos Humanos da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e apresentado no Salão do Conhecimento UNIJUI 2015.

² Mestranda em Direitos Humanos pela UNIJUI, Linha de Pesquisa Direitos Humanos, Meio Ambiente e Novos Direitos. Bolsista FAPERGS. Especialista em Dir. Administrativo e em Dir. Previdenciário pela Universidade Anhanguera – UNIDERP. Bacharel em Direito pela UNIJUI. E-mail: advogada.rmacyel@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Mestrado em Direitos Humanos da Unijuí, pesquisadora vinculada a Linha de Pesquisa Direitos Humanos, Meio Ambiente e Novos Direitos. Professora do Curso de Direito da Unijuí e UPF. Advogada. E-mail: elenise.schonardie@unijui.edu.br

Introdução:

O presente estudo consiste em uma análise sobre a configuração das cidades no Estado Moderno, que é baseada em novas formas de sociabilidade marcadas pela ascensão do comércio e da indústria, bem como pelo desenvolvimento da cidade e por relações mais livres.

Nesse sentido, Bedin (2013) afirma que a crise da sociedade feudal constituiu um divisor de águas, uma vez que gerou o esgotamento do feudalismo e se constituiu no marco inicial de um novo tempo (Estado Moderno), o qual possui entre suas características o aumento dos centros urbanos, o renascimento do comércio, o desenvolvimento de novas ideias e uma intensa transformação social.

Percebe-se que se inicia, após a queda do feudalismo, uma nova etapa na formação das cidades, caracterizada basicamente por um perfil urbano e comercial. No período moderno é rompida a ligação do homem com a terra e a nova forma de sociabilidade que transforma os valores e percepções de mundo se materializa no Renascimento.

O objetivo é demonstrar como se deu formação das cidades do Estado Moderno, impulsionadas pela industrialização e conseqüente ascensão do comércio e formação das indústrias. Por fim, o enfoque é para o processo de urbanização ocorrido a partir do surgimento das cidades com perfil comercial, em tal ponto, destaca-se a visão do conceito de urbanização para diferentes autores relacionados ao Direito das Cidades, em especial, Manuel Castells e Henri Lefebvre.

Metodologia:

A pesquisa foi desenvolvida através do método procedimental bibliográfico, por meio de documentação indireta, elaborada a partir da leitura de obras existentes sobre a temática.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

Resultados e discussão:

Com o ressurgimento das cidades, impulsionado pela ascensão do comércio, nasce o Estado Moderno, caracterizado pelo sistema econômico capitalista, baseado em uma sociedade com perfil comercial. O processo de divisão do trabalho que regula tal sistema é estabelecido entre o campo e a cidade (no qual os camponeses comercializam seu excedente nas cidades, dando a estas uma condição de existência, pois, sem excedente, não há urbanização) e que também ocorre dentro da própria cidade, no momento em que passa a existir a especialização dos trabalhos, com o desenvolvimento de técnicas específicas (metalurgia, vidraçaria, etc.).

Com as relações comerciais fortificadas surge um novo perfil de homem, não mais a figura do senhor, do servo e do clérigo, mas sim, um homem com um novo conjunto de valores, o qual é denominado de cidadão ou de cidadão (BEDIN, 2013). Assim, a sociedade passa a ser constituída de novas classes sociais: de um lado, a classe burguesa, proprietária dos meios de produção, dos bens e da mercadoria; de outro, uma classe que tem alguma força de trabalho a oferecer, em decorrência de ter conhecimento de algum ofício.

Ou seja, as cidades organizam-se em função do mercado e, com isso, as cidades se transformam:

A transformação da vila medieval em cidade-capital de um Estado moderno vai operar uma reorganização radical na forma de organização das cidades. O primeiro elemento que entra em jogo é a questão da mercantilização do espaço, ou seja, a terra urbana, que era comunalmente ocupada, passa a ser uma mercadoria – que se compra e vende como um lote de bois, um sapato, uma carroça ou um punhado de ouro (ROLNIK, 1995, p. 39).

A maior qualidade do Renascimento estava ligada ao perfil comercial das cidades e a vontade de adotar uma tradição urbana. Destaca-se que as primeiras cidades da modernidade são denominadas de cidades-estado, a exemplo do que ocorria na antiguidade, entre as quais se destacavam as cidades italianas, em especial, Veneza e Florença. Veneza destacava-se por seu poder econômico, em função de possuir em uma posição geográfica privilegiada, desse modo, os venezianos transformaram-se em exímios pescadores, comerciantes e navegadores. No início do século 16, Veneza era a cidade mais rica da Europa. Já Florença pelo surgimento da política urbana moderna, baseada em uma liberdade apresentada à população em geral, nesse sentido, os cidadãos passavam a possuir maior presença nas decisões políticas (KOTKIN, 2012).

A passagem para o século 18 revela que as cidades-estado estavam perdendo forças para as cidades imperiais, em razão de que as cidades-estado não conseguiam competir sozinhas com os centros urbanos que dispunham de recursos humanos e materiais mais elevados, como Paris e Londres.

Assim, muito embora aquelas se destacassem pelo comércio e artes, era necessária uma vontade coletiva para superar a ascensão das cidades imperiais. Ainda, durante todo o período do

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

Renascimento as pestes vinham dizimando as cidades italianas, que chegaram ao século 17 com suas populações reduzidas à metade, o que impulsionou ainda mais a ascensão das cidades imperiais.

Essas cidades recuperavam-se menos depressa das epidemias do que outras que podiam se valer de um vasto interior agrário. Seus exércitos depauperados, compostos em boa parte por mercenários estrangeiros, não eram páreo para as forças superiores de poderes imperiais tais como a Espanha e a França. Lentamente, as cidades-estado foram engolidas por esses poderes, Veneza conseguiu manter sua independência, mas foi obrigada a ceder partes de seu disperso arquipélago de possessões no leste do Mediterrâneo (KOTKIN, 2012, p. 110).

Embora as cidades já estivessem bastante avançadas no período do Renascimento, até 1850 nenhum país possuía a população urbana superior à rural, o processo de urbanização da humanidade só veio a acontecer a partir da revolução industrial, na passagem do século 18 para o século 19 (Castells, 2011, p. 45). Destaca-se que o desenvolvimento do capitalismo industrial provocou quase que o desaparecimento da cidade como um sistema institucional e social relativamente autônomo, uma vez que a divisão do trabalho, a utilização da mercadoria como elemento fundamental do sistema econômico, a alteração dos interesses econômicos e sociais e a homogeneização do sistema institucional transformaram a cidade em palco de uma classe social específica, qual seja, a burguesia.

O desenvolvimento da cidade com perfil industrial moderna se deu exatamente nesse período, há cerca de 200 anos atrás, resultando num fenômeno que podemos denominar como sociedade urbano-industrial. Durante os séculos 19 e 20, urbanização e industrialização foram processos praticamente associados, especialmente após a revolução industrial, uma vez que as cidades atraem as indústrias por dois fatores fundamentais, a mão-de-obra e o mercado.

A urbanização ligada à primeira revolução industrial e inserida no desenvolvimento do tipo de produção capitalista é um processo de organização do espaço, que repousa sobre dois conjunto de fatos fundamentais: 1. a decomposição prévia das estruturas sociais agrárias e a imigração da população para os centros urbanos já existentes, fornecendo a força de trabalho essencial à industrialização. 2. A massagem de uma economia doméstica para uma economia de fábrica o que quer dizer, ao mesmo tempo concentração de mão-de-obra, criação de um mercado e constituição de um meio industrial (CASTELLS, 2011, p. 45).

Percebe-se que o elemento essencial da nova caracterização das cidades é a indústria, que passa a organizar toda a paisagem urbana, uma vez que, com a revolução industrial, se alterou o perfil das cidades, que passaram a ser predominantemente urbanas. Assim, a urbanização para Castells é entendida como um estilo de vida, traduzido pelo autor na expressão “cultura urbana”, ou seja, a cultura tem a capacidade de adentrar nas relações sociais e problemas sociais que se manifestam nas

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

idades. O urbano é tão somente o espaço funcional onde se concentra a população e assim o autor deixa de analisar a existência do urbano no não-urbano.

Em contrapartida, Henri Lefebvre (1991) entende a urbanização como o conjunto dos processos sociais e espaciais que permitiam a manutenção e reprodução do capitalismo, em suas relações essenciais de produção, bem como defende que a própria sobrevivência do capitalismo estaria baseada na criação de um espaço social crescentemente abrangente, instrumental e mistificado, ou seja, “é neste espaço dialectizado (conflitual) que se realiza a reprodução das relações de produção. É este espaço que produz a reprodução das relações de produção, introduzindo nela contradições múltiplas, vindas ou não do tempo histórico” (LEFEBVRE, 1973).

Assim, a partir da análise de urbanização sob o prisma dos dois autores apresentados, o urbano passa a ser visto como uma consequência do capital e da necessidade de reorganização espacial por ele trazida, na qual o espaço urbano é reduzido a um espaço de circulação do capital, de mercadorias e informações, na total subordinação do homem ao trabalho.

Não se pode esquecer que antes do surgimento do capitalismo já existiam cidades e, conseqüentemente, urbanização. No entanto, é certo que não se trata da mesma urbanização, uma vez que esta se transforma no decorrer dos processos históricos, ou seja, a urbanização não é estática, ela é sim, parte integrante da estruturação de um território, que muda de caráter conforme se alteram seus significados.

Com a globalização da economia e o desenvolvimento do meio técnico-científico, cada vez mais se passou a dar importância ao contexto urbano, uma vez que, em decorrência de tal fenômeno, se intensificou a concentração de capital nos denominados centros industriais, o que criou uma crescente pressão por parte do capital e da força do trabalho por investimentos em infra-estrutura, melhoria dos serviços, habitação, etc. Diante disso, foi preciso reorganizar o espaço urbano, a fim de que os sistemas urbanos tornassem-se eficazes para, por um lado, diminuir as inquietações sociais, e, de outro, facilitar a acumulação do capital. Nesse momento, o Estado passa a desempenhar um papel essencial, uma vez que re-planejou as cidades, a fim de que fossem adequadas às novas necessidades decorrentes do desenvolvimento do capitalismo.

Castells (2011) destaca que o espaço urbano não é um reflexo da sociedade, mas é a sociedade, e que a ação social que será exercida sobre o espaço traduz uma força espacial já herdada, fruto de um processo histórico e impulsionada por novos interesses, objetivos e sonhos.

Atualmente, com as transformações ocorridas no meio técnico-científico, setor de transporte e meios de comunicação, ocorre uma transformação no espaço urbano, visto que se torna possível a separação dos locais de trabalho, residência e consumo em uma escala mais ampla do que a cidade propriamente dita. Nesse sentido, as cidades se especializam, e ocorre a separação do território em núcleos (de moradia, consumo e produção). Assim, o urbano se transforma em uma parte integrante

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

da especialização ocorrente na vida social, que tende a ocupar uma matriz espacial multifacetada de locais nodais (SOJA, 1993).

A urbanização não se relaciona mais somente à cidade, ao urbano, à aglomeração de pessoas, conforme o entendimento de Castells, e passa a ser relacionada com um modo de vida. Milton Santos (1998) refere a sociedade estaria ultrapassando a fase de mera urbanização da sociedade para entrar em uma nova fase na qual se confronta a urbanização do território. Para o autor, o processo de urbanização ocorrido resulta da difusão de variáveis e nexos relativos à modernidade do presente na sociedade, que refletiu na cidade, assim, a urbanização do território é o reflexo da difusão mais ampla das variáveis e dos nexos modernos.

As cidades passam a ser mais do que meramente um meio físico, nas quais as populações se aglomeram, de forma cada vez mais especializada (locais específicos para moradia, consumo e produção) e se transformam em parte de um sistema multifacetado de locais nodais, conforme destaca Edward Soja (1993).

Conclusões:

Pelo exposto, pode-se concluir que as cidades estão em constante evolução, ou seja, de tempos em tempos se reinventam. Desde a posição geográfica, estrutura religiosa, sistemas de defesa, diversidade social, todos estes fatores são capazes de alterar a forma e significados das cidades. No entanto, apesar das adversidades, a experiência urbana é universal.

O Estado Moderno marcou a transformação das cidades de rurais para industriais e urbanas, deste modo, a urbanização tornou-se um elemento ligado intrinsecamente a tal período histórico no que se relaciona à evolução das cidades e é um conceito que possui diferentes facetas, conforme apresentado ao longo do presente trabalho.

Palavras-chave:

Estado Moderno; urbanização; revolução industrial; urbano.

Referências bibliográficas:

BEDIN, Gilmar Antônio. A Idade Média e o nascimento do Estado Moderno: aspectos históricos e teóricos. 2ª Ed. Ijuí: Ed. Unijui, 2013.

CASTELLS, Manuel. A questão urbana. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KOTKIN, Joel. A Cidade: uma historia global. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ufmg, 1999.

_____. A Re-Produção das Relações de Produção. Paris: Anthropo, 1973.

_____. (The Production of Space. Oxford (R.U.) e Cambridge (EUA): Blackwell, 1991.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.